

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Kenya Ricarte

A POESIA DA ÁGUA

Brasília

2013

Kenya Ricarte

A POESIA DA ÁGUA

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas, habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Professora orientadora: Cristina Azra Barrenechea.

Brasília

2013

INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

Kenya Ricarte

A POESIA DA ÁGUA

Aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Licenciatura em Artes Plásticas.

Banca Examinadora:

Prof^a. Cristina Azra Barrenechea
(IDA/UnB) - Orientadora

Prof.^o Luiz Carlos Pinheiro Ferreira
(IDA/UnB) - Avaliador

Prof^a. Simone Aparecida Lisniewski
(FE/UnB) - Avaliadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente às águas, pela poesia que permite a vida de toda beleza que meus olhos podem enxergar.

À minha professora orientadora Cristina Barrenechea, pela doação incondicional, pelo compromisso e dedicação em orientar meus passos nesse percurso acadêmico.

Ao meu querido companheiro Irving Silveira, por me incentivar na entrega ao vôo que conduz à liberdade.

Aos meus amados filhos Kaian Ricarte Silveira e Levi Ricarte Silveira, pela existência de suas luzes, que me inspiram diariamente na busca de ser melhor.

Aos alecrins-dourados, as crianças, do grupo “Amigos do Meio Ambiente” pela alegria distribuída em todos os encontros.

À minha querida cunhada Ingrid Silveira, por me acompanhar em momentos tão importantes da minha caminhada, a vida.

À minha família, pelo apoio em todas as horas.

Aos meus amigos e amigas, pelo carinho e palavras de incentivo, em especial à minha amiga Juliana Fialho, por ser um exemplo de água mãe. Gratidão Jú, você foi essencial para a construção desse trabalho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 Paradigmas da educação.....	10
2.1.2 Novos caminhos.....	14
2.2 Aprender a aprender através da Arte.....	16
2.3 A poética das águas.....	16
2.3.1 Buscar a água é resgatar as origens.....	17
2.3.2 Compreendendo o simbolismo das águas à luz das avós.....	18
2.4 Compreendendo minhas águas.....	23
2.4.1 Dois que chega a Um.....	24
2.4.2 Ser das águas.....	28
2.4.3 Experimentando o “Vídeo de Poesia”.....	33
2.5 A poesia.....	36
2.6 O olhar fotográfico.....	40
3. METODOLOGIA	41
3.1 Mergulhando na prática pedagógica.....	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

A POESIA DA ÁGUA

1. INTRODUÇÃO

Este projeto propõe o desenvolvimento de uma metodologia interdisciplinar destinada a crianças de 5 a 10 anos, visando introduzir as questões poéticas relacionadas à água e suas simbologias, por meio de oficina vivencial que proporcione uma experiência estética de um mergulho pelas águas do imaginário simbólico das crianças.

Por ser um tema gerador, a água será trabalhada neste projeto interdisciplinar, para integrar as experiências pessoais e subjetivas que os alunos trazem aos saberes curriculares das áreas de Arte e Educação Ambiental.

A proposta da oficina é trabalhar o universo de experiências sensíveis que os alunos têm com a água, desenvolvendo sua capacidade de expressão e conscientização dessas vivências e memórias relacionadas a este elemento.

Não há como ensinar conscientização e cidadania sem partir dos saberes e conhecimentos prévios e do imaginário dos nossos educandos. Não há como envolver e, ultimamente, mobilizar para uma educação política e cidadã sem levar em consideração o universo sensível e subjetivo, no qual os estudantes fecundam e gestam sentidos que futuramente os colocarão no centro do protagonismo, necessário às transformações que os desafios do meio ambiente requerem e impõem.

O estudante traz para a sala de aula conhecimentos de sua experiência no mundo real, e que devem ser levados em consideração pelo educador e aproveitados como ponto de partida para se trabalhar conceitos científicos acerca de um tema.

O reconhecimento dos saberes prévios que o indivíduo possui representa uma abordagem integradora e inclusiva, que permite uma aprendizagem significativa

para o estudante expandir seus conhecimentos, a partir de um núcleo de vivências e referências pessoais que lhe são familiares.

Este projeto parte da preocupação com uma questão essencial a respeito do papel da água em nossas vidas: como educar sujeitos para uma sociedade do futuro, na qual uma ação mais enérgica e vigorosa será inevitável, quando os recursos naturais e hídricos estiverem ameaçados de envenenamento e escassez?

Precisamos pensar em uma educação que parta da sensibilidade para fortalecer os alicerces de princípios e valores com relação à necessidade de se educar, a fim de favorecer uma reflexão crítica, e uma ação responsável e comprometida com os valores da vida.

A necessidade de partir de um enfoque poético em relação a água se deve à busca de uma metodologia que envolva tantos os aspectos simbólicos quanto os aspectos subjetivos relacionados à água. Resgatar essa ligação mítica com a água é incentivar uma relação mais sensível do sujeito com os recursos naturais. Desse modo, a Arte se torna essencial para a realização de um trabalho que envolva a conscientização ambiental.

Nesse momento de conclusão de curso, senti a necessidade de compreender, mais profundamente, alguns aspectos que envolvem a relação da Arte com a Educação Ambiental. Essa pesquisa com a água teve início no ano de 2008, após vivenciar uma experiência com Arte-educação Ambiental no projeto Água como Matriz Ecopedagógica, na situação de bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq.

O projeto Água como Matriz Ecopedagógica: Participação Comunitária, Pesquisa, e Ações Educativas na Conservação das Águas, surgiu a partir da vontade da Associação dos Moradores do Córrego do Palha, AsPalha, e da Universidade de Brasília em dar continuidade ao trabalho de Educação Ambiental que acontecia desde 2003 no Centro Comunitário e na Escola Classe AsPalha.

No ano de 2006 um grupo de moradores se uniu à UnB para escrever a proposta do projeto, que seria então aprovado em 2007 pelo CNPq. Assim, o projeto

desenvolveu atividades relacionadas à água, ao cerrado, ao meio ambiente e educação nas comunidades do Palha e do Jerivá.

O projeto Água como Matriz Ecopedagógica foi realizado a partir de quatro frentes de ações, sendo elas: Pesquisa da qualidade das águas da região, Construção de tanque de captação de água da chuva, Produção de mudas nativas e reflorestamento e Atividades de Educação Ambiental.

A Arte foi trabalhada em forma de oficinas no Centro Comunitário e na Escola. O programa de Artes reunia atividades de diferentes linguagens artísticas, dentre essas, oficinas de musicalização, corporeidade, pintura (grafite e aquarela), desenho, artesanato. Cada uma dessas oficinas foi pensada de forma que considerasse a realidade e os desejos da comunidade e ainda, que tivesse como elementos centralizadores as águas e o cerrado, considerado o berço das águas.

Conforme Manoel Cláudio da Silva Júnior, professor de Dendrologia da Universidade de Brasília, o bioma cerrado é um importante contribuinte de água para grandes bacias hidrográficas brasileiras, como por exemplo, as Águas Emendadas, que se situa em Planaltina, Distrito Federal. Nas Águas Emendadas, de uma única fonte parte água para o Rio Araguaia Tocantins, chegando até a Bacia Amazônica, e ainda na Bacia do Rio São Francisco e do Prata, ou seja, um único ponto de conexão com três grandes bacias do Brasil.

Os córregos que nascem no Planalto Central e que correm para essas várias regiões foram rota de migração de algumas espécies arbóreas. Por exemplo, os córregos que vão para a Amazônia, serviram de rota de migração de algumas espécies da Amazônia para aqui chegarem. Desse modo, temos grande responsabilidade com todas as comunidades que vivem ao longo dessas bacias hidrográficas, pois tem a contribuição das águas do Cerrado.

Atuar como Arte-educadora no projeto Água como Matriz Ecopedagógica, possibilitou vivenciar o sentimento de integração da Arte com as outras áreas do conhecimento. Entretanto, mesmo tendo transitado por tantos universos e descoberto tantas possibilidades de conexão da Arte com a Educação Ambiental, hoje sinto que a Arte pode aprofundar a conscientização ambiental através de uma

percepção sensível do sujeito. No projeto Água Matriz chegamos à vários produtos finais, porém, naquele momento, ainda não havia descoberto quão importante era o processo do fazer artístico.

Portanto, essa pesquisa busca refletir as possibilidades de trabalhar a Arte em um projeto de Educação Ambiental, buscando assim novas possibilidades de despertar a conscientização ambiental nas pessoas, a começar, prioritariamente, pela percepção de si mesmas e assim, relacioná-las ao meio em que vivem. Nesse sentido, remeto às palavras do artista Bené Fonteles (2001): “devemos compreender o “inteiro ambiente”, pois quando estamos profundamente unidos ao meio ambiente, ele se torna inteiro.”

A construção da fundamentação teórica deste trabalho é dividida em itens, em que *“Paradigmas da educação”*, discute os paradigmas educacionais racionalistas que ainda sustentam a atual estrutura social e econômica do país. Por outro lado, enxerga caminhos possíveis para a mudança desse cenário, citando exemplos das concepções humanista, ecossistêmica e ecológica de educação.

“Aprender a aprender pela arte”, traz uma breve reflexão a cerca da importância de se educar tendo como referência a experiência do sensível, do emocional e do criativo, em que, nesse sentido, a Arte é o elemento norteador.

Em *“A poética das águas”*, inicia-se o mergulho pelas águas poéticas e simbólicas. Neste item, a água é compreendida através de suas relações arquetípicas e míticas. Em algumas fontes mitológicas, a água é compreendida como sendo o arquétipo da mãe, pois representa a matriz e a origem de tudo que existe. Dessa forma, este tende a um mergulho pelas águas maternas.

Ainda imerso no ambiente aquático, agora o mergulho acontece em minhas próprias águas. Em *“Minhas águas”*, busco compreender a minha trajetória rumo ao encontro das águas, através da minha formação enquanto artista. Interessante notar que o percurso revela características simbólicas associadas direta e indiretamente a água, como: a aquarela, a polaridade, a transitoriedade, a fluidez, o assumir várias formas, a destruição de formas existentes para colocar-se à disposição de novas formas.

Inspirado pela sensibilidade das águas, o item “A Poesia”, revela uma busca no aprender e assim, inspirar os alunos, através da poesia. A poesia é como a fonte de águas puras, que com seu frescor, imanta a alma de inspirações. Buscar a poesia é permitir voar pelas águas do imaginário, é voltar aos tempos da eterna criança, que jamais perde o brilho da inocência.

Ao conectar-se à linguagem poética desenvolvemos um olhar poético sobre as coisas. Este último item “O olhar fotográfico”, traz uma reflexão sobre a imaginação e a formação da imagem poética. Fala de fotografia, e do fotógrafo, quem escreve sua poesia através das imagens que seu olho capta.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Paradigmas da Educação

“... hoje me pergunto o sentido da vida, pois à medida que somos elaborados estamos cada vez mais próximos da morte”. Lygia Clark, *Diários*, 1959.

Atualmente observo um cenário no qual a educação ainda reflete características de um paradigma centrado na racionalidade. Percebo que na maioria das instituições formais de ensino o objetivo da formação escolar permanece centrado no individualismo e no desenvolvimento do poder sobre o outro, reproduzindo assim, velhos padrões de manutenção do status quo social e econômico.

Conforme John Dewey, essa concepção de educação enxerga o educar como preparação para as responsabilidades da vida adulta. “As crianças não são encaradas como membros sociais em situação definida e regular.” (1973, p.80). Elas são incentivadas a pensar conforme uma visão de vida em que o importante é a preparação para o mercado de trabalho. As características inerentes ao universo infantil, a exemplo da brincadeira, são menosprezadas e encaradas, no contexto

escolar, como de menor valor. Conforme essa concepção de educação não se vive o momento presente, pois as crianças são preparadas para a vida adulta, e ao chegar nessa fase adulta, já estão projetando suas vidas para as próximas fases.

No filme *La Educación Prohibida*, o panorama da história da educação é resgatado, enfatizando a estrutura do atual sistema educacional, proposto pelas instituições tradicionais de ensino, que continuam permeadas pelo modelo de educação criado na Era Industrial, e voltado para a adequação dos sujeitos às exigências do mercado de trabalho. Nesse modelo educacional, que floresceu com a era industrial, vemos o paradigma de sujeito como máquina, ou como parte de uma linha de montagem fabril. O objetivo era criar um local onde os filhos dos trabalhadores pudessem ficar enquanto os pais seguiam a jornada de trabalho. Além disso, a educação era pensada de forma que favorecesse a formação de indivíduos úteis ao sistema econômico, sendo os estudantes incentivados a pensar de forma linear, individualista, separatista e competitiva.

Antes da Era Industrial, especificamente na Idade da Razão, observamos outro paradigma pautado pelo domínio do pensamento racionalista e dual, proposto por René Descartes e outros pensadores. Nesse momento, foi introduzido um novo paradigma no mundo, reforçando assim a dicotomia entre matéria e espírito, o que levava à crença de separação entre homem e natureza.

Conforme Dewey (1936), durante muitos séculos as escolas foram construídas a imagem e semelhança das fábricas, em que o objetivo maior era o de controle social. Essa estratégia favorecia ao Estado a formação de indivíduos que alimentavam a ótica capitalista, ou seja, formava pessoas obedientes, consumistas e eficazes. Desse modo, pouco a pouco, as pessoas se convertiam apenas em números e estatísticas, estando inseridas em grupos homogêneos, assim como no currículo, onde todos deveriam saber a mesma coisa. A sensibilidade particular de cada ser era ignorada e não havia espaço para o contato consigo e, menos ainda, para a expressão de sua subjetividade.

Para Dewey, um dos maiores desafios que a filosofia da educação tem é o de equilibrar os métodos de educação formais e não formais, entre os casuais e os

intencionais. “Quando a aquisição de conhecimentos e a aptidão intelectual técnica não influem para criar uma atitude mental social, a experiência vital deixa de ganhar maior significação, ao passo que, na mesma proporção, o ensino escolar cria homens meramente “eruditos”, isto é, especialistas egoístas.” (DEWEY, 1936, p. 28).

No contexto social atual existe um desafio ainda maior: o contato entre as pessoas está perdendo espaço para a interação com as máquinas. Com isso, é de se considerar a importância de o sistema educacional incorporar as novas tecnologias no cotidiano da escola, porém que se estabeleçam meios que reafirme nas escolas a humanização em detrimento da robotização dos seres humanos.

O paradigma centrado na racionalidade, na cientificidade e na técnica, permanece muito influente no pensamento atual, bem como nos modelos educativos mais tradicionais. Valoriza-se a quantidade de conteúdo transmitido ao estudante, pouco considerando seu conhecimento vivencial. Menospreza e até despreza o conhecimento sensível, emocional, intuitivo. Se por um lado, fortalece o sentimento de individualismo, por outro oprime cada dia mais a individualidade.

Mesmo a educação artística, que por muito tempo nem sequer fazia parte do currículo, hoje é reduzida ao conhecimento teórico e, quando muito, é aliada a uma prática baseada simplesmente na técnica. É fato que a Arte-educação foi bastante influenciada pela visão de mundo relacionada ao velho paradigma. Ainda hoje, as crianças são ensinadas a copiar formas externas e, raramente, são incentivadas a pintar ou esculpir seus sentimentos e desejos.

Influenciado por estes paradigmas centrados na racionalidade, observa-se que a interação genuína com o processo criativo não está sendo valorizada no espaço escolar da maioria das instituições formais de ensino. Em que pese a falta de preparo dos educadores em compreender a dimensão sensível que se pode acessar no trabalho com as artes, há, além disso, a interferência negativa do sistema social e econômico em relação a essas vivências sensíveis de aprendizado.

Em que pese o antigo paradoxo na história da educação, o paradigma positivista *versus* o paradigma humanista, abordado por Dewey, existe ainda hoje a

busca por um plano de educação mais unificado, em que haja uma compreensão mais estreita da relação homem-natureza.

Um dos fundamentos da pedagogia transdisciplinar segundo Catalão (2010) é despertar no educando a capacidade de estar consciente de si mesmo, ou seja, incentivar a capacidade de conhecer e compreender a estrutura e natureza do funcionamento da mente velha condicionada em sua própria existência. Essa concepção parte do princípio que viver é educar e educar é viver, ou seja, a educação é a vida.

À luz de Paulo Freire (2000), compreende-se que ensinar é criar possibilidades de experimentação para que o aprendizado aconteça, e assim, despertar para um novo conhecimento. Freire fala sobre o ensinar como não sendo transferência de conhecimento. É importante que o educador perceba o educar como sendo a exploração do conhecimento nos diversos aspectos de uma mesma situação. É através de uma relação sensível com meio e as pessoas, que nasce um novo olhar na prática pedagógica. Nesse sentido, o educador precisa ampliar o universo de suas ideias sobre o ambiente e o educando e ainda, sobre a interação entre eles.

O ambiente de ensino é um local propício para a percepção emocional das crianças e adolescentes por ser um intermediário entre a família e a sociedade. Nesse ambiente o indivíduo constrói relações, expressa emoções, fortalece sua individualidade, podendo ser observado constantemente. Entretanto, o olhar de quem observa necessita de cuidado e sabedoria. Deve-se cultivar um olhar amoroso e atencioso; um olhar sensível.

Deve-se ainda, respeitar o tempo e as condições de aprendizado de cada um, pois cada indivíduo carrega uma história pessoal, familiar e social. É importante reconhecer e valorizar as características pessoais do indivíduo. E perceber ainda, que é nos momentos de dificuldades e fragilidades que os traços específicos da personalidade emergem à superfície.

Desse modo, compreender o valor de se assumir uma atitude comprometida com a prática pedagógica, segundo Paulo Freire, é cultivar a solidariedade entre

educador e educando. Os educadores precisam criar meios que fortaleçam, nos educandos, a segurança em si mesmos, elevando sua autoestima. Incentivar o olhar para si, pois assim há o despertar para saber quem são e o que querem realizar na vida.

Através disso, os educadores podem viabilizar o processo de ensino-aprendizagem, criando um ambiente dentro da sala de aula mais harmônico. Esse equilíbrio é proporcionado pela criação de espaços-tempos que favoreçam o livre manifesto das emoções e sentimentos dos educandos.

Caso não haja um espaço em que prevaleça a liberdade de expressão e o acolhimento da subjetividade do estudante por parte do educador, o sujeito vai se distanciando cada vez mais de sua individualidade e autenticidade, aspectos esses que o caracterizam como ser único e especial.

2.1.2 Novos caminhos

Paradigmas emergentes, como o ecológico e o ecossistêmico, despontam para uma visão holística do ser, em que são traduzidas novas formas de compreender a existência humana. Inspirado na complexidade do ecossistema e singularidade de cada indivíduo, caminhamos para o encontro com novos ideais, como a valorização da relação homem natureza. Assim, considero importante para o despertar da consciência global, dar atenção à subjetividade de cada ser.

Conforme a Teoria Integral de Ken Wilber compreende-se o ser humano a partir de quatro dimensões, que são: Intrapessoal, Interpessoal, Física e Intelectual. Cada dimensão tem um arquétipo, embora não exclusivo, de linguagem.

Na dimensão Intrapessoal, que representa o nível Individual Interior, é descrito arquetipicamente os pressentimentos interiores. Essa dimensão é acessada pela intuição, pelo sentir, pela contemplação.

A dimensão Interpessoal, representada pelo Coletivo Interior, descreve o interior emocional. O acesso se dá através da expressão artística e pelo compartilhamento de sentimentos e emoções.

Já as dimensões Física e Intelectual, representam o Individual Exterior e Coletivo Exterior, descrevendo arquetipicamente o comportamento exterior de alguém e o exterior conceitual de algo.

Envolver as quatro dimensões no processo educativo de um indivíduo permite favorecer uma experiência humana integral e harmoniosa. O equilíbrio dessas quatro dimensões promove o bem-estar e a saúde, que envolve diferentes elementos de uma compreensão sutil do ser humano.

Um dos fundamentos da pedagogia transdisciplinar é compreender a necessidade de expansão do potencial criativo e do autoconhecimento, sendo a escola a instituição mais capaz de reverter o atual processo de declínio cultural que se vive atualmente. Sendo o processo de criação artística de natureza intuitiva e emocional, ele acontece primeiramente, através do contato e integração com o mundo interior. Desse modo, o despertar da sensibilidade acontece em um nível sutil de compreensão com a subjetividade do indivíduo.

De acordo com Paulo Freire (2000), a capacidade de educar reside em conhecer a si e ao outro. Dessa forma, o trabalho do educador é fundamental para essa transição do velho para o novo paradigma. É ele quem vive a prática educativa, e parte dele o estímulo que conduz o processo de experiência educativa. Pode-se apropriar da experiência estética para contribuir no processo de criação ou manifestação de novas possibilidades para a mudança de padrões racionalistas.

2.2 Aprender a aprender através da Arte

A Arte, de acordo com Jung (1996), é um meio sensível de expressão não linear, que desafia as construções racionais. É fonte de comunicação com o inconsciente e simbólico, manifestando-se através de uma linguagem não verbal. Possibilita assim, o contato com as potencialidades do indivíduo e seu propósito de vida.

Para o educador, compreender o processo criativo de cada indivíduo é desenvolver um olhar mais profundo sobre o outro e ainda sobre si mesmo. É compreender o outro através da imagem e da forma, que se transforma ao longo do tempo.

Conforme Catalão et al (1990) a arte é valiosa no processo educativo, pois possibilita a conexão com o fenômeno místico, através de uma percepção intuitiva da vida enquanto fenômeno estético.

Através da experiência estética nossa percepção é ampliada, e com isso somos incentivados a abarcar novas percepções que passam ao largo do pensamento racional, e que, no entanto exprimem ideias, visões de mundo, formas de perceber e de sentir.

Alcançar a união entre indivíduo e mundo exterior é quebrar o muro entre o sujeito e o objeto, experimentando assim a sensação de integração cósmica, da qual todos nós fazemos parte. É metaforicamente, buscar ser uma água cristalina.

2.3 A Poética das águas

“Nosso corpo é um rio, nossas artérias, grandes afluentes. Tal como a circulação sanguínea regenera continuamente o corpo humano, o fluxo das águas nutre o imenso corpo da Terra.” Vera Lessa Catalão.

2.3.1 Buscar a água é resgatar as origens...

A maneira como cada indivíduo enxerga o mundo ao seu redor está relacionada à sua experiência no contexto social em que está inserido, aliado a sua percepção sobre os fatos que vivencia.

As experiências familiares são tidas como principais influências na formação da personalidade do indivíduo. Quando se fala da criança, a relação com os pais, principalmente com a mãe, esclarece muitos aspectos sobre sua natureza interior e o modo como se relaciona com o outro.

A mãe representa o acolhimento, a compreensão, a amorosidade. No olhar da mãe habita o sentimento de amor incondicional, que se expressa em um manifesto desejo de fazer o possível para que a vida de seu filho prospere e que seja nutrida pelo bem. É uma expressão sublime de Totalidade.

O arquétipo da mãe simboliza a compreensão do sentimento de unidade. Perceber um ser que se formou a partir de outro corpo, é compreender o milagre da vida nascendo através do corpo humano. Como o fruto que doa as sementes para a terra, o homem doa sua semente para que a mulher proteja e nutra em seu ventre uma nova vida. Daí percebermos a generosidade da vida.

Para Jung, “Arquétipo” seria uma imagem primordial arcaica: “Chamo primordial a toda imagem de caráter arcaico, que apresenta uma concordância com motivos mitológicos conhecidos...” (Jung, p. 433). Adiante, Jung completa: “a imagem primordial exprime a força criadora e incondicionada do espírito.” (p. 435).

Entretanto, outras definições foram dadas por Jung aos arquétipos – “imagem original existente no inconsciente”, “complexo inato”, “centro carregado de energia”. Para Bachelard, arquétipo seria uma força simbólica, que existe antes das imagens. Um símbolo indica o desconhecido e nos orienta até o seu conhecimento, até um entendimento mais profundo.

O arquétipo da mãe em sua simbologia está ligado à matriz, à origem, à gênese; ao ponto de partida para o surgimento da vida. A mãe pode simbolizar ainda a casa interior, a memória, as inspirações inconscientes. Buscar a mãe é buscar as raízes, retornar ao ventre materno.

No universo simbólico, a mãe é também associada ao elemento água. A água primordial é apresentada como a “mãe que gera o céu e a terra, como uma totalidade ao mesmo tempo cósmica e divina”, em muitas cosmogonias arcaicas.

O simbolismo da água pode se relacionar tanto a aspectos emocionais, que se referem a sentimentos, como aspectos físicos, como fonte de vida, meio de purificação. Entretanto, em todos os aspectos a água está associada com nascimento e fertilidade.

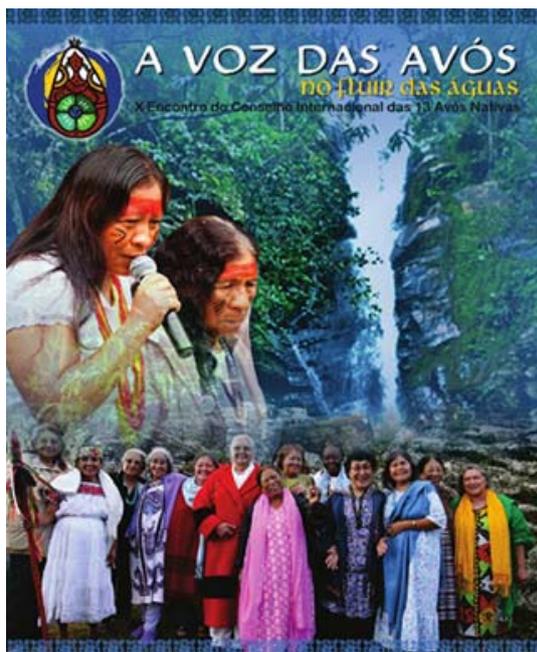
2.3.2 Compreendendo o simbolismo das águas à luz das avós

“Toda vida se inicia, toda vida se principia, pela forma, sem forma, da água.”

Vera Catalão.

No ano de 2011, aconteceu em Brasília, na Universidade da Paz, Unipaz, o encontro “A Voz das Avós das quatro direções do planeta”. Esse evento ocorre uma vez por ano, sendo realizado em vários países. Busca valorizar a diversidade cultural e espiritual do Brasil e do mundo, trazendo o conhecimento dos povos originários, indígenas e tradicionais.

Treze avós representam uma aliança global de prece para a Mãe Terra, destinada a todos seus habitantes, todas as crianças, até as próximas sete gerações. Através dos encontros, o Conselho das 13 Avós Nativas visa promover o diálogo intercultural e inter-geracional, apoiando a valorização dos conhecimentos tradicionais e o fortalecimento da paz planetária.



O Conselho planta a semente do resgate, da preservação e transmissão dos saberes tradicionais, da valorização do feminino, do respeito aos idosos, do diálogo entre as gerações e do ativismo espiritual e ambiental. Visa romper as barreiras entre os povos e unir a essência das tradições, construindo pontes entre a tradição e a modernidade, que ajudem a criar soluções sustentáveis para as emergências do mundo hoje.

A água foi escolhida como o tema central do encontro, considerando seu valor nas culturas tradicionais e o desafio atual da humanidade em relação à sua conservação. O evento “A Voz das Avós: no fluir das águas” buscou criar espaços de diálogo e chamar a atenção sobre a importância das tradições dos povos originários e a figura das anciãs como guardiãs destes legados.

Durante o encontro, as avós expressaram sua sabedoria ao refletir sobre o valor da água e seus simbolismos em suas tradições. Selecionei alguns trechos das falas das avós, a fim de recuperar a memória ancestral, compreendendo o processo evolutivo e a finalidade espiritual da vida humana.

Os mitos relacionados à água, considerada um dos elementos essenciais formadores da vida, são contados pelas avós, que acreditam que o processo

evolutivo do homem está ligado à evolução do cosmo como um todo. A fala das avós representa a materialização do sentimento aquático; maternal, amoroso. Transmite a sabedoria dos antigos e a poesia natural contida na consciência de estar em união com a vida.

A voz da Avó Catarina Delfina dos Santos, indígena Tupi-Guarani:

“É da água que nós viemos, a água é o leite materno da Terra.”

A voz da Avó Bernadete Rebienot, Gabão:

“O primeiro espelho do homem é a água, e nos ensinaram como a água pode ser um espelho. Mesmo ainda pequeninos nos levavam até os rios, principalmente quando o sol brilhava e nos pediam para olhar para a água. Nós víamos o nosso próprio rosto.”

“Meu segundo desejo é que a humanidade recoloque o feminino no centro do mundo. Isso poderá prover o equilíbrio necessário para a reconciliação. As mulheres são amigas da água, pois a preservam dentro do seu próprio corpo, para poder dar a vida a outros de nós. Na terra de onde venho, as mulheres ocupam um lugar muito importante.”

A voz da Avó Mona Polacca, Tradição Hopi:

“A água é uma criação sagrada. É um elemento sagrado; o primeiro fundamento. O povo Hopi diz que as chuvas são as bênçãos dos ancestrais sobre o que nós estamos fazendo.”

“Houve uma época em que vivíamos dentro da água, no útero de nossa mãe. Quando chegou o momento de nascermos, a água saiu na nossa frente, nós a seguimos. Nós chamamos isso de primeiro fundamento da vida.”

A voz da Avó Rita Pitka, Tradição Yupik:

“Todos sabem que a água limpa. Tudo na mãe terra tem uma medicina. Os animais, as plantas são uma medicina. O que nutre a água da região em que a gente mora. Eu rogo para que vocês ensinem aos seus filhos o quanto a água é preciosa. Eu rogo que vocês cuidem da água.”

“Nós viemos da água. O ventre materno é sagrado porque todo ser humano passou pelo ventre de uma mulher. Portanto, todas as pessoas devem respeitar isso. A mulher precisa respeitar o seu próprio ventre.”

A voz da Avó Agnes - Takelma Siletz Oregon, EUA:

“Eu tenho um sonho sobre o cuidado com a água que compartilho continuamente ao redor do mundo, pois, sem a água, toda vida morre. Tenho uma grande preocupação com a manutenção da pureza da água. Devemos trabalhar para a continuidade do círculo de ensinamentos sobre o cuidado com o sangue da mãe terra, a água, para as próximas 7 gerações.”

A voz de Moisés Ahruarco – Ahruarco: povos originais da Colômbia, da Serra Nevada de Santa Marta:

“Vou explicar um pouco da nossa gênese. Nós trazemos ou temos uma lei de origem, a Lei dos Primeiros Pais. Dizem que antes, quando tudo estava escuro, quando o mar estava por toda parte, não havia sol, nem lua, nem gente, não tinha nada. Mas a mãe, que era o mar, estava por todas as partes. E somente era pensamento e memória do que iria ser. E então nós viemos da nova profundidade, da nova escuridão. Para nós, a escuridão não é o mal como é para o ocidente, é o pensamento e a memória. Nós dizemos que somos os irmãos maiores, porque nós viemos antes que o sol aparecesse. Nossos irmãos não indígenas apareceram quando o sol apareceu. Por isso, são irmãos menores. Assim diz a história.”

Nas culturas tradicionais, a sabedoria dos antigos possui muito valor na comunidade. Os mitos representam a ligação com a origem, com a lei divina que tudo rege. É através dos contos dos mais velhos que a comunidade se conecta ao que é de ordem sobrenatural. As histórias são contadas a fim de conectar o homem à forma essencial da vida, aproximando o homem da natureza.

Nas falas acima é interessante notar quão próximas elas estão da literatura de pensadores e filósofos que escreveram sobre a água e sua simbologia. Em *A Água e os Sonhos*, Bachelard compara a água ao leite da Terra, assim como foi dito pela avó Tupi-guarani Catarina, citada acima. O leite materno é o alimento para o

bebê, sendo nutrição física e emocional. Assim como a água, que alimenta a terra, tornando possível a vida e a prosperidade.

No mito contado pela avó Bernadete, do Gabão, ela compara a água a um espelho. Uma relação que traz o sentido de reflexo da própria imagem no espelho d'água. Entretanto, essa imagem formada se mistura à água, tornando-se assim disforme e difusa; também mutável.

A água representa também o contato com o interior e com o inconsciente. Diferente do espelho, o objeto, a água sendo um organismo vivo, se move, se transforma. Associá-la a um espelho é também buscar a união do homem com a natureza, em que a relação com as águas possibilita se conectar ao que há de mais profundo e essencial da natureza humana; os seus sentimentos.

Quando a avó Bernadete fala sobre o seu desejo de que a humanidade recoloca o feminino no centro do mundo, ela está se referindo ao sentimento materno, ou seja, a valorização das atitudes que representam o aspecto feminino. Tais aspectos, é preciso esclarecer, existem tanto nas mulheres quanto nos homens.

De acordo com o conhecimento taoísta, o aspecto *yin* representa esse feminino. Assim, despertar o feminino é retornar às origens, resgatar o lado pacífico, receptivo e acolhedor. Renascer nas águas do ventre e guardar a memória de união com a mãe. Digo não só a mãe biológica, mas a mãe primordial, a força que nutre os sentimentos, que aproxima o indivíduo dele mesmo. Um sentimento de reconciliação entre o ser individual, o ser coletivo e o ser cósmico.

O resgate de nossas qualidades femininas simboliza também essa gentileza para com o mundo. Recordo Bachelard: "Se o olhar das coisas contiver suavidade, essência e profundidade, esse é o olhar da água. (1989, p.31).

2.4 Compreendendo as minhas águas

No âmago do ser
Mostrou-me uma vez
a sua grandeza
Quão grão de areia:
- A quem quer subir:
A linha
Há linha
Alinha.
Kenya Ricarte.

Ao iniciar meus estudos na Universidade, busquei aprofundar na técnica da ilustração botânica (fig. 01), pois meu maior desejo era aprender a aquarela. Antes mesmo da Universidade já pintava em camisetas e outros suportes, as árvores e suas flores, sendo elas em geral do bioma cerrado. As pinturas eram semelhantes à ilustração, porém apresentavam a necessidade de intervenção de outras expressões, que não só a figuração.



Figura 01: 1ª prancha de ilustração botânica, espécie: *Cybistax antysiphilitica*, em 2008.

2.4.1 Dois que chega a Um

“Na arte buscamos o vazio (de onde viemos) e quando o descobrimos é como descobrir o nosso tempo interior. É o olhar para dentro de si. É a situação do homem no seu espaço. É o corte de situações antigas em que o homem só existe em relação-função a elas.” Lygia Clark, Diários, 1959.

Ao pensar nos trabalhos que foram desenvolvidos depois dessa fase de ilustração, percebo que eles refletiam bastante uma tendência para expressar a oposição, ou melhor, o universo das polaridades (fig.02). Expressar essa dualidade era de certa maneira buscar a fusão do dual em uma única expressão. Seja através do brilho da consciência, ou em meio à descoberta das sombras, meu interior se revelava através de um universo diverso, com diferentes características, transitando por várias formas e meios.

Explorar esse universo dicotômico é sentir a necessidade de buscar absorver os dois aspectos, as duas faces, existentes numa mesma coisa, de maneira equilibrada. É a busca em compreender a consciência e a inconsciência, o dia e a noite, a luz e a sombra. Indo além, o que separa e o que une essas duas forças.

De acordo com a filosofia taoísta, do caminho surge *Um* (aquele que está consciente), de cuja consciência surge o conceito de *Dois* (yin e yang), dos quais o número *Três* está implícito (céu, terra e humanidade), produzindo finalmente, por extensão, a totalidade do mundo como o conhecemos.



Figura 02: primeira experiência com foto-poesia no ano de 2008.

Texto: Frente: SOL O calor A luz Tudo. Verso: LUA O frio A sombra Nada. Espelhado: Descanso, alcanço. Eterno balanço.

O dualismo, a oposição e a combinação dos dois princípios básicos yin e yang do universo é uma grande parte da filosofia básica do Taoísmo. Algumas das associações comuns com yang e yin são: masculino e feminino, luz e sombra, ativo e passivo, movimento e quietude.

Yin é a energia feminina, ligada à suavidade, à sensibilidade, à intuição, à recepção. É o lado escuro, profundo e misterioso. Yang é a energia masculina. Relaciona-se à força, ao ímpeto e ao pensamento lógico e racional. Está associada aos movimentos de expansão. Enquanto yin é a mãe, yang é o pai, o governante e o guerreiro. Yin é a água e yang é o fogo.

Na visão dos chineses, o yin-yang é sinal de que o tempo e o espaço são únicos em sua espécie, assim como a matéria e o espírito.

Na simbologia dos números, o *Dois* representa o processo que pode nos levar de volta para o *Um*. Precisamos da dualidade para a evolução e para a involução, ambos, são aspectos da manifestação.

A força que acende o Sol

(Por Kenya Ricarte)

A cabra sobe a montanha,

ao topo.

Reverencia a vida,

um sopro.

O tempo depressa voa,

nada deve ser a toa.

Peixe, silêncio infinito...

Das profundezas das águas

Descobriu a grandeza do ínfimo.

Para ser belo há que aceitar

A dura pena de se revelar.

Seja a sombra

A luz

Seja o espírito

quem conduz.

Lygia Clark (1959), em *Diários*, falou sobre o feminino e o masculino, associando a intuição como sendo uma característica feminina, e ao sentido de abstração, uma tendência masculina. Mais adiante escreveu: “A obra de arte é a meu ver a materialização desta fusão. É o que a faz eterna ou transcendente. Como a vida só existe em relação às polaridades, a arte ultrapassa a vida, no sentido de equilibrar essas contradições”.

Relacionando às características comportamentais da água propostas por John Wilkes (2010), pode-se ainda compreender a dinâmica dos opostos como gerador de um ritmo, em que cada polo seria um pulso, criando assim um movimento (fig.03). O autor cita Leonardo da Vinci quando afirmou que “o movimento é fonte e causa de toda vida”.



Figura 03: *A Trans Formação da flor*, acrílica sobre tela, em 2009 (0,65 x 0,50 m).

De acordo com Lygia Clark quando uma obra de arte é completa na sua expressão e força, revelando toda a dramaticidade que a gerou, é porque o artista jogou com toda a sua personalidade, lado feminino e lado oposto, lado metafísico

masculino, como uma totalidade (fig.04). “Essas polaridades seriam como pontas de uma vara, seriam mais aguçadas ainda no artista, que, no momento da criação da obra de arte, viveria como uma totalidade, essas duas forças contraditórias.” (Diários, 1959).



Figura 04: O Sopro do xilofone, acrílica sobre tela, em 2009 (0,65 x 0,50 m).

2.4.2 Ser das águas

“Vivenciar a água é conectar-se à fluidez da vida. O sentir da água é receptivo, é leve e suave, quase melancólico. Sabe que tudo passa, como as águas de um rio ao encontro do mar. Águas que correm levam histórias, guardam memórias.” Kenya Ricarte.

Em minha formação no curso de Artes Visuais, lembro que inicialmente, nas aulas de desenho, especificamente nos exercícios de modelo vivo, trabalhei muito para conseguir criar uma forma que fosse coerente com a proposta da disciplina. A proposta exigida era desenvolver a proporção, a simetria, o volume.

Entretanto, essa busca por representação da realidade através daqueles exercícios me incentivava a acreditar que o melhor caminho era o da forma clássica. No campo da figuração eu tinha essa tendência (fig.05). Acreditei por um tempo que quanto mais eu desenvolvesse a técnica do desenho, mais teria possibilidade de

criação, pois assim não seria limitada a nada. Depois descobri que esse pensamento era um equívoco, pois essa forma que eu acreditava ser o caminho para a liberdade era justamente o que me prendia ao limite das linhas duras e inflexíveis. Essa liberdade está associada ao elemento água, que diferente de outros elementos não respeita espaço/forma.



Figura 05: *Do alto eu vi*, grafite sobre papel artesanal, em 2007.

Passado o tempo, através da experiência com outras linguagens, percebi o quanto a expressão do abstrato me agradava. Desenhar o imaginário, o invisível, o papel, era muito estimulante. Eu ia descobrindo um infinito de imagens que se apresentavam naquele papel, de forma tão sincera, tão reveladora. Aquelas formas iam falando como gostariam de ser desenhadas. Elas pediam para aparecer naquele papel. Pediam para que eu não tivesse preconceito, pois cada uma delas, mesmo parecendo tão estranhas, merecia ser vista (fig.06 e 07).



Figura 06 e 07: *Garatuja descoordenadas*, nanquim e aquarela sobre papel, em 2008.

As criações que nomeei “*Garatuja descoordenadas*” foram criadas sem que eu projetasse nelas uma forma. Apenas permiti que os impulsos viessem à superfície e se manifestassem através de minhas mãos. As linhas misturadas às pinturas, aos buracos, ao preenchimento, que permitia explorar diferentes texturas, me apresentavam um infinito de possibilidades existentes no *Universo das Formas*. Considero uma experiência de grande valia para o meu processo de investigação da desconstrução da antiga forma.

Em *A água e os sonhos*, encontro uma compreensão sobre a formação da imagem e a capacidade de materialidade desta. Bachelard diz que não é apenas a ausência de técnica ou o simples déficit de uma atividade formal que deixará de conferir à imagem uma característica de materialidade. Mas a despeito de qualquer deformação, de qualquer fragmentação, a matéria, aliás, se deixa valorizar em dois sentidos: no sentido do aprofundamento e no sentido do impulso. Completa ainda que, no sentido do aprofundamento, ela aparece como insondável, como um mistério. No sentido do impulso, surge como uma força inexaurível, como um milagre.

Hoje compreendo que a busca por um movimento mais livre simbolizava o renascimento para uma nova forma: mais fluida, mais orgânica; aquática (fig.08). A forma ingênua é a comunicação sincera do ser que sou. Sinto a água como a matéria que orienta a forma mãe, primordial, matriz. O gesto da água é fluido, pois se adapta aos meios de contato. Quando a água prevalece, penetra nos movimentos do corpo tornando-os mais redondos. Suaviza o ritmo dos gestos. Torna profundo o olhar, os sentimentos e as emoções.



Figura 08: *O Nascimento da água*, óleo sobre tela, em 2008 (0,30 x 0,30 m)

As diferentes águas, negras, turvas, transparentes e cristalinas, compõem um rio de experiências que revela o que guardo em minha memória, fruto de todas as criações que brotam do meu ser. A poesia chega me despertando para o profundo que há em mim e no outro. As águas da emoção são como leve folha dançando ao vento.

Buscar a água é um desejo de mergulho ao campo do inconsciente. É, segundo Bachelard, estar pronto para morrer a cada instante. Nutrir-se do sentimento de desapego, compreendendo e aceitando a efemeridade da vida. Essa compreensão é o movimento de renovação e limpeza das águas, retirando o que já não serve, aproximando assim da transparência.

Para a filosofia Taoísta, ao perceber que todas as coisas (inclusive nós mesmos) são interdependentes e constantemente redefinidas pela mudança das circunstâncias, passamos a ver todas as coisas como elas são, e a nós mesmos como apenas uma parte do momento presente. Esta compreensão da unidade nos leva a uma apreciação dos fatos da vida e do nosso lugar neles como simples momentos que são.

Conforme o pensamento bachelardiano, a água é objeto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza. A água pura, que transmite a ideia de algo límpido e cristalino.

Que será?

(Por Kenya Ricarte)

Tal sentimento
Comove o corpo
Inunda as células
Adormece a pele
Me move.

Balança as águas
Do profundo rio
De minha consciência

Assemelha a saudade
de algo que não existe.
Ou existe.

Um abandono acontece:
uma velha roupa
que me aprisionava,
já não me cabe.

O espírito
agora criou asas
e quer navegar

Águas duras
Impenetráveis
Vou cavar
Nadar
Descobrir
A beleza que há em mim
E assim, junto a um despir
Me unir.

No livro *Mitos da Água*, de Raissa Cavalcanti, a autora fala dos deuses marinhos, cuja representação maior é a longevidade e a eternidade. Esses velhos

do mar, segundo uma perspectiva da psicologia profunda, representam a imagem do self, com sendo o *homo perfectus*, em cujo centro flui o oceano.

“Descer ao mundo subterrâneo é retornar às origens, dissolver a forma individual para adquirir a condição de totalidade, e a partir daí subir ao céu. É repetir o movimento divino de queda para a vivência posterior de ascensão.” (Cavalcanti, p.57).

Essa descida ao mundo subterrâneo é o ver-se por inteiro. Mergulhar nas águas profundas e escuras do inconsciente; o grande mar. A queda é também a desconstrução. Ao acessar as camadas profundas da mente, há que desapegar das barreiras. Enxergá-las. Libertá-las. “Morrer é verdadeiramente partir, e só se parte bem, corajosamente, nitidamente, quando se segue o fluir da água, a corrente do largo rio.” (Bachelard, 1988, p. 07).

2.4.3 Experimentando o “Vídeo de Poesia”

O vídeo é uma linguagem que possibilita explorar diferentes ambientes e cenas. Experimentar texturas, cores e assim, criar diferentes composições através de flashes de memórias, de associações indiretas entre figura e fundo, corpo e espaço.

A minha primeira experiência com vídeo aconteceu em dezembro de 2011. O vídeo, *Água e Poesia* (fig.09), foi produzido dois meses após ter dado a luz ao meu segundo filho, Levi. As imagens são dos quintais de minhas casas, a casa da cidade e a outra da floresta.

O filme explora o arquétipo da Mãe - água maternal, nutrição, doação, introspecção e profundidade. Reflete as ideias junguianas de inconsciente pessoal, anima e animus, Self.

As cenas foram capturadas espontaneamente e em momentos diversos. Não foi seguido um roteiro, pois não existiu. A narrativa foi sendo construída no momento da edição. Apesar de toda simplicidade na sua produção, este vídeo revelou muitos

caminhos para a minha pesquisa artística. Existe nele a força das imagens simbólicas que evocam os conteúdos do inconsciente.

Em uma aula sobre Cinema de Poesia, assisti a um documentário em que Júlio Bressane diz que tendo ou não um roteiro, ele improvisava. Afirmou que a força da criação é que ela era inconsciente, e que fazer um filme é viver a cena, é se ver e compreender os processos inconscientes.

A expressão cinema de poesia foi usada pela primeira vez pelo cineasta Pier Paolo Pasolini. Segundo Pasolini, o que difere cinema de poesia, do cinema de prosa é que enquanto no segundo o importante é o tema, o objeto, no primeiro a subjetividade surge como força propulsora maior da Arte.



Figura 09: frames do vídeo *Água e Poesia*, ano 2011.

Um dos simbolismos presentes em *Água e Poesia* é na cena do bebê mamando. Esta imagem propõe uma das fases do desenvolvimento arquetípico da personalidade. Propostos pelos neojunguianos, essa fase foi denominada de urobórica, ou seja, há no sujeito uma grande indiferenciação da consciência, ainda quase totalmente simbiotizada pela mãe. E, ao mesmo tempo, há a segunda fase, representada pela mãe, que é a fase matriarcal. Durante essa fase os símbolos se ligam ao arquétipo da Grande Mãe, e seus denominantes seriam os princípios do prazer e da fertilidade.

O segundo vídeo produzido foi *Fios de Prata*. Esse vídeo ressalta o movimento e a dança do corpo, através dos fundamentos da dança Butô. Explora o silêncio, o vazio, a escuridão, o profundo, a morte. Por outro lado, resgata a luz, a

claridade, a transparência, o eterno (fig.10). A proposta deste trabalho se relaciona à meditação profunda, respiração da vida, o essencial.

Segundo Kazuo Ohno (Verdi, 2000, p.57), “a representação mais próxima do repouso absoluto que temos marcada pela experiência no nosso inconsciente não é a morte – visto que ainda não morremos – e sim a vida intrauterina, pois nela não há desejo porque todas as necessidades estão sendo supridas continuamente”.

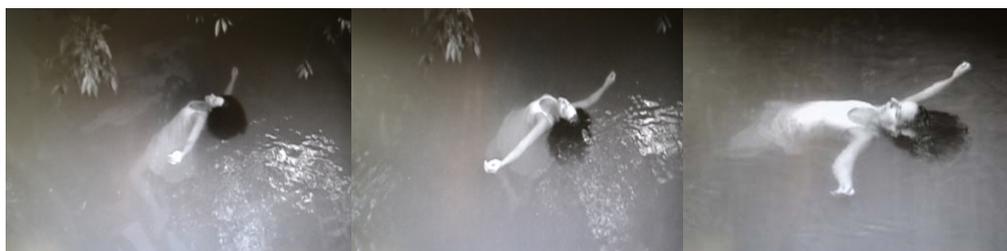


Figura 10: frames do vídeo *Fios de Prata*, ano 2012.

Fios de Prata sugere um devaneio vivido, em que ora resgataria lembranças de uma vida vivida, ora conectaria a consciência de estar presente e ainda, unido à eternidade (fig.11).



Figura 11: cena que representa o renascimento

Ao refletir sobre o filme, resgato palavras de Bachelard, em sua obra *A Água e os Sonhos*: “Contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer... "Diante da água profunda, escolhes tua visão; podes ver à vontade o fundo imóvel ou a corrente, a margem ou o infinito; tens o direito ambíguo de ver e de não ver; tens o

direito de viver com o barqueiro ou de viver com uma nova raça de fadas laboriosas, dotadas de um bom gosto perfeito, magníficas e minuciosas. A fada das águas, guardiã da miragem, detém em sua mão todos os pássaros do céu. Uma poça contém um universo. Um instante de devaneio contém uma alma inteira.” (2002, p.43).

2.5 A Poesia

Buscar a poesia tem se tornado o fundamento da minha pesquisa enquanto artista e indivíduo. Cada dia um verso que compõe a grande poesia da vida. Um dia nublado, outrora ensolarado. Entretanto, as linhas do poema são escritas com uma suave pena, de quem anseia que o olhar seja belo.

A poesia está em todos os lugares, em tudo que os olhos consideram especial. Encontramos poesia num pedaço de pau que lembra uma garça, numa pedra que lembra uma casa. A poesia acontece quando se imagina quão profunda é a casa da lesma, que vive dentro da concha.

Há também a poesia que não está nos objetos, mas nos acontecimentos mais simples: uma brisa da manhã com sua luz serena que entra pela janela ou nas sombras dos galhos das árvores, com suas diferentes formas, que dançam harmonicamente na parede da casa. E fazemos poesia quando lembramos o cheiro da brisa, a dança das árvores, o aroma da luz serena que entra na janela.

O sujeito que se atenta à vida que pulsa em todas as coisas, sensível às mensagens desprovidas de compromisso, mensagens da natureza alegre, passa a sentir o movimento da vida. Isto é a poesia da vida.

O exercício de atenção no mundo – atenção às pessoas, ao movimento das folhas com a graça do vento, à brisa da manhã quando se abre a janela ao mundo, à graça que mora num simples pedaço de pau (e, na verdade, esta garça mora em

nós) – abre-nos a este fogo da criação, abre-nos a uma visão mais profunda da vida, a um vivenciar mais vivo da vida, à vida da nossa criança que mora nestes olhos puros de ver, abre-nos, enfim, a ver a vida.

Remeto a Bachelard quando diz que a poesia nos proporciona documentos para a fenomenologia da alma, sendo a alma uma entrega ao universo poético do poeta. A alma encontra seu repouso nos universos imaginados pelo devaneio, e as imagens cósmicas pertencem a essa alma, solitária, princípio de toda solidão. (1988, p.15).

Certa vez, refletindo sobre a capacidade da arte de nos proporcionar pequenos momentos de encontro com a eternidade, ao pesquisar sobre a dança Butô e sua poética, senti, dançando, a experiência de “sonhar acordado”. Descrevi essa experiência no texto da seguinte maneira: “... ao conectar-se ao espaço e ao tempo imemorial, reverencia-se o sentimento de eternidade, vivenciando-o a partir do corpo inerte, que se abre para a experiência do sonho acordado”.

Bachelard (1988, p.11) atribui ao sentido de devaneio uma abertura ao mundo do belo. Diferencia devaneio de sonho, atribuindo à fenomenologia o papel de conceitualização destes. Assim, relaciona o devaneio a uma intervenção da consciência, o que ao sonhador, a priori, não seria possível.

Segundo o pensador, o devaneio ilustra um “repouso do ser, um bem-estar”; “quando nos abrimos para o devaneio poético, estamos criando uma abertura para o mundo dos mundos, ou seja, o universo cósmico.” Fala ainda do devaneio cósmico, que o define como “um fenômeno da solidão que tem sua raiz na alma do sonhador” (1988, p.14). Essa solidão a qual ele cita se refere ao estado de tranquilidade e estabilidade, denominando de “estado de alma”.

A imagem cósmica citada por Bachelard é a que nos dá o todo antes das partes, proporcionando uma unidade de devaneio e de mundo. Dessa maneira, de uma imagem isolada pode nascer um Universo; sendo o cosmos particular formado por imagens que surgem do imaginário do sonhador. Portanto, pela cosmicidade de uma imagem, recebe-se uma experiência do mundo.

Bachelard afirma que, para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultar em obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua matéria, é preciso que um elemento material lhe dê sua própria substância, sua própria regra, sua poética específica. Diz ainda que não é à toa que as filosofias primitivas faziam com frequência, nesse caminho, uma opção decisiva. Associava a seus princípios formais um dos quatro elementos fundamentais, que se tornavam assim marcas de temperamentos filosóficos (1989, p. 4).

Róseo sopro

(Por Kenya Ricarte)

Sentir é brisa leve

Suave vento chega à pele

Toca os pêlos da face

Como num doce enlace

O corpo avisa

Avista:

Ele chegou.

Em minhas veias

o sangue se transformou

Agora, ele é um ritmo.

Suave

Aquoso

Circular

Ah, o amor...

A canção adentra meu ser

Róseo sopra

Há calma.

Há alma.

Em *A Imaginação Simbólica*, Vera Lúcia Felício diz que: “O artista representa o momento em que uma subjetividade determinada se apropria do arquétipo e inventa para além dele, o que pressupõe a dialética entre o subjetivo e o objetivo no momento da criação.” (p. 112). A imagem abaixo representa, artisticamente, a união entre o abstrato e o figurativo, e simbolicamente, o ventre da mãe, que proporciona a formação da vida sob a luz da bolsa d’água (fig.12).



Figura 12: *Bolsa das águas*, acrílica sobre tela, em 2008 (dimensão).

2.6 O olhar fotográfico

O fotógrafo acorda e vai até a janela olhar o dia. Sente a luz, imagina. Começa a escrever sua poesia por imagens. Em certo instante percebe que

algumas cores se repetem. Percebe também que um tom prevalece. Ameixa, rosa, vermelho, amarelo, laranja. Quantas cores cabem em uma cor? No branco, todas.

Cada dia tem um tom. Para o artista, uma cor. Para o músico, uma nota. Para o poeta, um sentimento. Para quem escreve, uma nova ideia. Retomando mais uma vez a Bachelard, quando fala sobre o olhar, que seria um princípio cósmico, o autor chega a essa reflexão ao observar que, em diferentes textos, relaciona-se ao olho como um centro de luz, “um pequenino sol humano que projeta sua luz sobre o objeto observado”. Dentre outras reflexões, o autor conclui que um olho de poeta é o centro de um mundo, “o sol de um mundo”. (1988, p. 176).

A imaginação é o impulso criativo do poeta, ela antecede as coisas. Imaginar é ir visitar outros lugares, é viajar por entre os espaços que separam os mundos, por entre as linhas. Para John Dewey a função própria da imaginação é a visão de realidades e possibilidades que não podem manifestar-se nas condições existentes da percepção sensorial. O objetivo da imaginação é uma definida penetração no remoto, no ausente, no obscuro. (1973, p.286)

Devemos inspirar nossos alunos a acessar seu imaginário criativo para, a partir disso, desenvolver a sua própria expressão e criação artística. Ao inspirá-los, eles próprios chegarão à sua linguagem poética, aos seus traços autênticos, aos seus olhares únicos e sinceros sobre o mundo. Recordo Bachelard (1988), quando diz que a imagem poética aparece como a raiz que permite à intuição e ao entendimento se manifestar. Para ela, a imaginação funciona como a condição da possibilidade do conhecimento.

Desse modo, é importante reconhecer e, principalmente, valorizar as crianças como sendo, por essência, imaginativas, cuja característica é de grande valor para a criação artística e experiência estética. É necessário enxergar o infinito de possibilidades que uma imagem poética obtida pelo aluno permite criar, incentivando assim a expressão dessa poética em diferentes meios, seja no desenho ou na fotografia. O educador pode ainda, junto ao educando, imaginar diferentes situações em que seja evocada a sua linguagem poética.

3. METODOLOGIA

"Tudo que é realmente excelente e inspirador é criado pelo indivíduo que pode trabalhar em liberdade." - Albert Einstein.

A proposta deste trabalho é vivenciar, junto às crianças do grupo “Amigos do Meio Ambiente”, uma experiência estética, que proporcione um mergulho pelas águas do imaginário. Nesta pesquisa a água é compreendida como simbologia e poética para incentivar o imaginário criativo dos alunos e ainda valorizar o olhar para si mesmos durante esse processo de aprendizado e criação.

O grupo “Amigos do Meio Ambiente” foi criado em 2012 no âmbito do Projeto Rio São Bartolomeu Vivo, que visa “aliar produtividade e sustentabilidade por meio da recuperação de 500 hectares de áreas degradadas ao longo da Bacia do Rio São Bartolomeu e da produção de um milhão de mudas de espécies nativas do cerrado. Uma das principais metas do Projeto Rio São Bartolomeu Vivo (RSBV), que tem como desafio conscientizar e sensibilizar as comunidades rurais e urbanas, criando uma cultura de zelo e preservação dos recursos naturais, para garantir a preservação do Rio e das diversas formas de vida presentes em sua Bacia, como condição para garantir o desenvolvimento integrado e sustentável do território.”

O grupo é formado por crianças de 05 a 10 anos, que vivem na comunidade Colônia Agrícola Aguilhada, em São Sebastião – DF. Algumas dessas crianças estudam no Centro de Ensino Fundamental Nova Betânia e outras no Centro de Ensino Fundamental Aguilhada. Os pais são agricultores rurais de baixa renda, com baixo nível de escolaridade, sendo alguns, analfabetos. Antes da formação do grupo, as crianças não tinham contato com atividades educacionais fora da escola, principalmente atividades ambientais, que lhes proporcionassem uma visão sustentável do meio em que vivem.

Desde sua criação, esse grupo tem participado de atividades como: mutirão de plantio de mudas nativas do Cerrado, mutirão de limpeza do córrego Cachoeirinha (afluente do Rio São Bartolomeu, no qual as crianças tem o hábito de brincar), oficinas de construção de brinquedos com materiais recicláveis, entre outros.

Contudo, percebe-se que o imaginário do rio ainda está distante dessas crianças. Além das atividades contínuas de educação ambiental, que tem como objetivo refletir sobre o impacto das ações do homem ao meio ambiente é também igualmente importante resgatar a ligação poética e simbólica dessas crianças com a água.

Desse modo, a Arte tem muito a contribuir para o ensino de Educação Ambiental, pois possibilita acessar o campo da subjetividade, conectando o sujeito à sua consciência individual, para então compreender a complexidade e diversidade existentes no meio em que vive e assim relacionar-se de forma harmoniosa.

Conforme Catalão et al, educar para o futuro é enfatizar a relação homem-natureza, de modo que ambos estejam realmente unidos, compreendendo a semelhança existente entre os vários universos. Através dessa relação, o indivíduo se aproxima do sentimento de totalidade, tão essencial para a formação do sujeito ecológico.

John Dewey cita Rousseau ao refletir sobre a educação:

“Recebemos a educação de três fontes: da natureza, dos homens e das coisas. O desenvolvimento espontâneo de nossos órgãos e aptidões constitui a educação da natureza. O uso que nos ensinaram a dar a este desenvolvimento, devemos à educação dada pelos homens. A aquisição de experiência pessoal por meio dos objetos que nos cercam constituem a das coisas. Somente quando estas três espécies de educação se harmonizam e se orientam para o mesmo fim é que um homem se dirige para o seu verdadeiro destino..” (1959, p.150).

O fim a que Rousseau se refere é o da educação natural, ou seja, a educação equilibrada desses três níveis de percepção, tendo como princípio movedor a educação da natureza, que consiste na compreensão e atenção à subjetividade.

A ação pedagógica de uma concepção de educação integral consiste em educar o ser humano não somente para que ele possa ativar a capacidade de adquirir conhecimentos filosóficos, científicos ou técnicos, como também para que possa despertar a capacidade de conhecer, através da vivência do autoconhecimento, as diferentes dimensões da sua corporeidade, como também a natureza e estrutura das suas emoções, dos seus pensamentos, desejos, medos, intuições, imaginações.

As atividades foram desenvolvidas de modo que integrasse as quatro dimensões segundo a Teoria de Ken Wilber: Intrapessoal, Interpessoal, Física e Intelectual. Dessa maneira, inspirada pelo paradigma ecossistêmico de educação, a oficina objetiva o processo de formação do sujeito poético e ecológico a partir de uma atitude transdisciplinar (Catalão, 2009).

3.1 Mergulhando na prática pedagógica

“Águas risonhas, riachos irônicos, cascatas ruidosamente alegres parecem ser a linguagem pueril da natureza. No riacho, quem fala é a natureza da criança.” Bachelard.

O primeiro encontro com os alunos aconteceu na beira do rio. Do total de crianças do grupo, apenas cinco crianças estiveram presente nesse primeiro momento. Um dos grandes desafios em realizar um trabalho dessa natureza com uma comunidade é a falta de compromisso de algumas famílias. Uma estratégia que adotei foi a de oferecer um lanche durante todos os encontros, inclusive estando descrito na programação que entreguei a cada uma delas. Havia percebido que o lanche funcionava como incentivo quando trabalhei no projeto Água Matriz.

Nesse primeiro encontro apresentei a proposta da oficina a todos, a qual consiste em cinco encontros com duas horas e meia de duração, divididas em duas aulas de uma hora, com um intervalo de 30 minutos para lanche. A ideia foi apresentar primeiramente a proposta, e só depois dessa etapa iniciar as atividades

da programação, pois assim poderíamos discutir cada uma das atividades e esclarecer melhor a proposta. Outro desejo era que o grupo se sentisse pertencido àquela ideia, de forma que tivesse liberdade para opinar e até sugerir algo que fosse a fim com a proposta. Entretanto, o grupo ficou bem entusiasmado com o projeto em sua forma original, questionando ainda o porquê de não se iniciar naquele primeiro encontro. Disse às crianças que aquele momento era apenas para apresentar a proposta e saber o que elas achavam. Porém, como elas estavam bem ansiosas para o início das atividades, sugeri então que esfriassem os ânimos tomando um bom banho de rio. Todas ficaram bem animadas e pularam com todo entusiasmo na água. Assim, regadas à alegria, sorrisos e muita agitação, uma tarde de brincadeiras no rio fechou o nosso primeiro encontro (fig. 13).

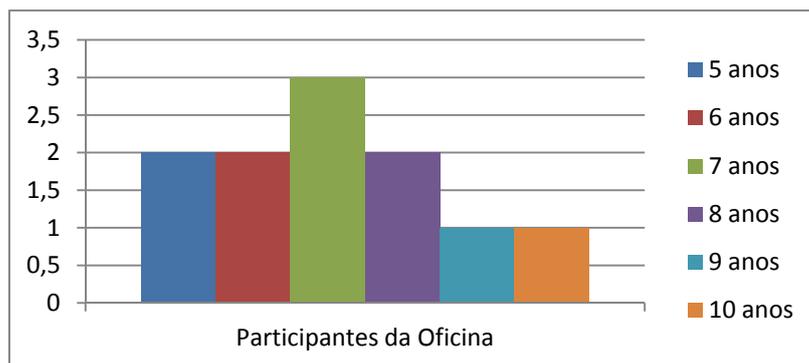


Figura 13: águas risonhas.

As atividades foram realizadas na casa de uma parceira do projeto Rio São Bartolomeu Vivo. Miriam é mãe de três das crianças que fazem parte do grupo “Amigos do Meio Ambiente” e que participaram de todas as atividades de arte-educação ambiental. A casa de Miriam possui um viveiro de mudas em que são produzidas com a finalidade de recuperar as matas de beira de rio. Com isso, os pais voluntários que trabalham nesse viveiro, levam seus filhos para que os acompanhem no trabalho do viveiro. Nesse sentido, percebe-se que uma atividade

de conscientização ambiental que seja relacionada ao universo lúdico das crianças é de grande valor.

Ao todo, 11 crianças participaram das atividades. Os participantes possuem idades entre cinco e dez anos conforme ilustra o gráfico abaixo.



Desse modo, as atividades foram pensadas de forma que se adequassem à realidade heterogênea do grupo. Entretanto, alguns modelos pedagógicos adotados na oficina foram inspirados nos dispositivos pedagógicos da Escola da Ponte. O projeto da Escola da Ponte tem centralidade na pessoa, sendo o currículo organizado para contemplar o sujeito, a partir de seu cotidiano.

A abertura oficial da oficina se deu a partir de uma apresentação dos participantes através de uma atividade lúdica de ilustração dos seus nomes. A sugestão foi de que cada um escrevesse seu nome com lápis coloridos em um papel A4. Ao escrever/desenhar seus nomes, o indivíduo deveria buscar formas que lembrassem/associassem à sua natureza, a seus gostos.

Essa atividade (fig.14), a qual havia sido sugerido um tempo de 10 minutos, despertou neles uma grande atenção/concentração, e uma vontade de permanecer

nela por mais tempo. Esse tempo foi estendido e após todos terem concluído, cada um apresentou e comentou sobre seus desenhos.



Figura 14: mergulho pelo imaginário do nome.

O segundo momento consistiu de uma apresentação em powerpoint sobre a água como elemento natural, físico, artístico e religioso. A “história” começou com uma associação dos seres humanos com os anfíbios, visto que ambos iniciam suas vidas na água. Falamos de água poética, sobre o ventre materno e a bolsa das águas (fig.15), e ainda sobre o nascimento natural, em que a água vem primeiro anunciando a chegada do bebê. Depois passamos pelos diferentes estados da água e compreendemos de forma simplificada o seu ciclo no meio ambiente.



Figura 15: momento de aula expositiva sobre a compreensão da água em diferentes dimensões.

A água física foi citada na porcentagem presente em nosso corpo, e no Planeta Terra. Nesse momento, fizemos uma demonstração da porcentagem de água no Planeta através de uma voluntária, que foi chamada de água. As partes do corpo da água representavam as diferentes águas contidas no planeta, como água do mar, água congelada, água no interior das rochas, e por fim, os 0,007% de água boa para consumo. Essa dinâmica auxiliou as crianças mais novas a compreender as porcentagens. Essa é uma maneira eficaz de trazer dados abstratos à visualização concreta.

Em seguida falamos da água como recurso utilitário e como poética artística, compreendendo os seus simbolismos nas obras artísticas. Analisamos uma obra de Botticelli, *O Nascimento da Vênus*, que serviu como abertura para adentrarmos ao sentido de água como recurso sagrado e religioso. Compreendemos assim, o simbolismo da água utilizada nos batismos de diversas religiões, e também sobre a água benta, a água como mediadora entre o céu e a terra e representação do espírito santo. Por fim, falamos das deusas Oxum e Iemanjá e suas interpretações míticas.

Conforme Dewey, a educação, quanto a seu lado intelectual, está vitalmente relacionada com o cultivo da atitude do pensar reflexivo. Naturalmente, a educação não se confina ao seu lado intelectual; abrange a formação de atitudes práticas de eficiência, o desenvolvimento de disposições morais, o cultivo de apreciações estéticas.

Ainda em Dewey, “as informações, quando não entendidas, são, todavia, um fardo indigesto. Consiste conhecimento somente quando seu material é compreendido.” Assim, entendimento, compreensão, significa que as várias partes da informação adquirida são apreendidas em suas relações mútuas – resultado esse que é obtido apenas quando a aquisição se faz acompanhar de constante reflexão sobre o sentido do que é estudado. (1973, p.86).

Após a atividade de concentração, em que trabalhamos a dimensão intelectual, fomos para o lanche. Antes de lanchar, sempre fazíamos uma oração agradecendo à Mãe Terra, à Mãe Água, ao Pai Sol, ao Pai Vento (que dispersa as

sementes), por favorecerem a vida dos alimentos que nos nutriam e agradecíamos ainda, às mãos que prepararam o alimento. Essa prática nosso momento ritual, em que todos estão reunidos compartilhando o alimento. Segundo Campbell (1990) e Wilber (1982), resgatar o valor dos ritos em nosso cotidiano, é promover a ligação com o sagrado, tão esquecida nos tempos atuais.

A atividade seguinte consistiu em um mergulho nas casas dos animais que vivem no mar. Observamos as conchas e os diferentes corais (fig.16). A partir dos fundamentos teóricos de John Wilkes, em seu estudo *“Flowforms e o poder rítmico da água”*, relacionei a tendência que a água tem à forma esférica e ao vórtice às formas dos corais e conchas. Compreendemos assim as formas redondas que encontramos nos diferentes corais que ficam no fundo do mar, assim como as estruturas circulares e espirais. Exemplifiquei ainda sobre as bolhas de ar que se formam na água.



Figura 16: estudando corais e conchas.

A compreensão das formas redondas conferidas ao movimento da água serviu como tema introdutório para a atividade seguinte que era a confecção de bambolês. Dessa maneira, fomos produzir nossos próprios bambolês, lembrando assim da forma circular da água (fig.17). Aproveitamos para imaginar a água circulando uma pedra no rio, contornando os obstáculos, procurando o caminho mais fácil, sempre através de movimentos redondos.

A experiência com o bambolê permitiu a inserção do lúdico na compreensão das características comportamentais da água, fato esse que possibilitou uma apreensão maior do conhecimento. Para Dewey a brincadeira e os jogos possuem grande valor na prática pedagógica. Ele afirma que quando se tem oportunidade de por em jogo, com atos materiais, os impulsos naturais da criança, a ida à escola é para ela uma alegria, manter a disciplina deixa de ser um fardo e o aprendizado é mais fácil. (p.247). Dewey completa mais adiante que os fundamentos para se dar às brincadeiras, jogos e trabalho mais ativos um lugar definido no currículo são intelectuais e sociais, não constituindo eles, apenas, expedientes temporários ou prazeres passageiros.



Figura 17: movimentos circulares na Mata.

O terceiro dia de atividades começou com uma apresentação de desenhos e pinturas com características aquáticas, ou melhor, que possuíam linhas e formas orgânicas, redondas. Falamos de formas abstratas e espontâneas e fechamos a apresentação dos trabalhos com algumas pinturas aquarelas. Assim, mergulhamos no campo da aquarela, discutindo o potencial poético da água em união com o pigmento. Através de uma apresentação em PowerPoint conhecemos algumas obras de aquarela abstrata dos artistas Kandinsky e Martha Barros, com isso, exploramos o universo da imaginação e da poesia.

Através dessa introdução, cada um dos alunos fez duas pinturas em aquarela. A primeira pintura propunha experimentar livremente a aquarela, refletindo a interação da água com o pigmento, explorando as possibilidades da prática, valorizando o processo do fazer. Para Dewey tudo que a criança faz é móvel, fluido

e transitório, mudando de dia para dia e de hora para hora. Na realidade, seus interesses nada mais são do que atitudes em relação às experiências possíveis; não representam nada de completo ou acabado. “Seu valor está no impulso que provocam e não no resultado que atingem.” (1973, p.50)

Após a experiência de percepção do processo, sugeri aos alunos que eles fizessem uma pintura inspirada em Martha Barros, em que fossem seguidos os próprios instintos e impulsos, sem que projetassem uma figuração na imagem (fig.18). Essa prática explorou o imaginário criativo dos alunos de forma que eles puderam explorar as formas abstratas, possibilitando assim acessar seus impulsos criativos e emocionais, tão importantes para a criação poética. Posteriormente, os trabalhos foram discutidos no grupo, que imaginou possibilidades figurativas nas pinturas.



Figura 18: descobrindo a aquarela.

A viagem pelo mundo da imaginação através da aquarela continuou em mais uma aula. Como os alunos gostaram muito da experiência, aproveitamos para trabalhar a poesia através dessa pintura que dialoga muito bem com a proposta de exploração do imaginário.

Dessa vez a sugestão foi que cada um criasse o seu rio, imaginando elementos que gostaria que compusesse o ambiente ao redor das águas de seu rio, lembrando sempre de explorar as imagens abstratas (fig.19). A expressão que utilizei para incentivar as formas abstratas foi “desenhar os sentimentos”.



Figura 19: prática de aquarela: *imaginando o meu rio*.

Chegamos então à Terra da Poesia. Iniciei recitando um trecho da poesia “O guardador de águas” de Manoel de Barros e em seguida conversamos sobre a imaginação do poeta. Comentamos algumas expressões encontradas no poema como: “Bernardo faz encurtamento das águas”, “apanha um pouco de rio com as mãos e espreme nos vidros”, “prende o silêncio com uma fivela” e outras. Recitei uma vez mais a poesia, porém nesse momento sugeri que eles fechassem os olhos e imaginassem a história que o poeta contava. Com as mentes despertas para o mundo da imaginação, pintaram em aquarela suas poesias. A escolha por poesia pintada aconteceu por termos uma turma heterogênea, com alunos que estavam nas fases pré-silábicas.

Entretanto durante essa prática de poesia algumas ações espontâneas dos alunos me surpreenderam. Havia levado o livro “*Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo*” de Manoel de Barros, para mostrar aos alunos, nisso, um dos alunos que já havia terminado sua pintura pegou o livro e perguntou se poderia ler uma poesia para os colegas (fig.20). Escolheu a poesia “*As Formigas*” e leu enquanto os outros terminavam suas poesias em aquarela.



Figura 20: uma poesia para inspirar.

Outra boa situação foi a de um aluno que disse que gostava muito de poesia e iria escrever uma, então sugeri que escrevesse sobre o rio, sobre as águas. Assim o fez, e quando li, fiquei emocionada com seu talento:

O Rio que você gosta
O rio é um elemento
o elemento do amor
Existem muitos rios
mas o que mais gosto é o di Deus:
da água benta
eu não bebo
pois ela é pra benzê.

Gabriel Matos dos Santos, 8 anos, 4º ano, C.E.F Nova Betânia.

Nisso, outro aluno se inspirou e escreveu um poema também:

O Rio sujo
O Rio era limpo tão limpo
Que vivia todo tipo de animal

Veio o homem e sujou a água
A cobra saiu voando
A leoa pegou o avião
O macaco saiu pulando
O peixe saiu correndo
A ave saiu no jatinho
E só quem ficou foi o homem
E a água suja
Ele se prejudicou
Os animais foram para água doce
E o homem morreu sem água.

José Gerson Alves Pimenta Júnior, 10 anos, 6º ano, C.E.F Nova Betânia.

Saindo da poesia caminhamos para o encontro com a poética fotográfica. No encontro anterior, no fim da aula, tirei fotos de cada um dos alunos e revelei para que utilizássemos nessa vivência. Apresentei alguns trabalhos de fotomontagem para eles e em seguida esclareci a proposta de fotomontagem inspirada em um auto-retrato. A ideia era de que cada um utilizasse sua fotografia em uma montagem com imagens que falasse sobre eles, sobre seus gostos, desejos (fig. 21).

A atividade de fotomontagem despertou algumas emoções nos alunos que outras atividades, apesar de seu caráter de auto-observação, ainda não haviam acessado. A ideia de verem suas fotos e trabalharem em cima delas colocando elementos que se relacionam com suas individualidades foi para alguns, estimulante e prazeroso, já para outros, desafiador e incômodo. Em uma situação, por exemplo, uma criança se sentiu magoada porque o outro riu de sua foto, nisso ela não quis mais participar da atividade. Conversamos e ela se sentiu motivada novamente para retornar à atividade, assim, colocou seu rosto no papel e depois desenhou um corpo forte e musculoso. Ainda assim, alguns riram do seu trabalho e então ela desenhou uma máscara no rosto e disse que havia terminado.



Figura 21: atividade de fotomontagem.

Outros alunos tiveram mais paciência em realizar a atividade e fizeram trabalhos bem interessantes, contemplando a proposta de auto-retrato. Finalizada a atividade, as crianças foram brincar no pé de jambo enquanto eu organizava o lanche. Assim, fizemos nossa oração de agradecimento ao alimento e depois iniciamos nossa segunda aula.

A nossa última aula realizada neste projeto foi uma pintura coletiva em tela com os dedos. A proposta foi pensada a fim de que pudéssemos, nessa última prática, vivenciar uma experiência coletiva, trabalhando sentimentos de solidariedade, cooperação e amizade. A organização desta prática foi inspirada em uma filosofia inclusiva e cooperativa, que busca fortalecer o exercício da cidadania, em que todos possam aprender uns com os outros, a seu modo.

Sugeri às crianças que fizéssemos formas relacionadas às águas que havíamos trabalhado durante as aulas anteriores, e ainda, que elas poderiam intervir nas formas dos colegas de forma positiva. Elas adoraram a proposta e trabalharam de forma entusiasmada e comprometida.

Nessa atividade os alunos vivenciaram três momentos de transição da composição. Na primeira composição, fizeram formas circulares e pingos de tinta, usando muito os dedos. A composição ficou linda, mas uma pena que durou pouco, pois como as crianças estavam bastante eufóricas logo se empolgaram e começaram a misturar mais tinta. Percebi que o fato de elas estarem pintando com os dedos, proporcionava a elas maior liberdade de experimentação do material, a tinta. Alguns estavam bastante imersos no movimento dos dedos lambuzados de tinta, que percorriam a lisa tela. Eles estavam realmente vivenciando o processo da criação e experimentação.

A experimentação da textura dos materiais foi mais adiante, pois as crianças começaram a pintar com as mãos e, num só movimento, como uma espécie de dança, todas estavam preenchendo todo o espaço da tela. As mãos estavam trabalhando juntas, elas se ajudavam, se tocavam, dançavam. Esse momento foi de grande prazer para os alunos.

Após esse momento de euforia, uma nova fase se iniciou. Uma das crianças sugeriu que agora eles pintassem uma grande floresta. Todos estavam bem envolvidos no processo e sintonizados entre eles. Eles sugeriam ações em conjunto, compreendo que aquele trabalho era de todos. Dessa forma, fizeram um breve planejamento da pintura da grande floresta, e um deles com perfil de líder, foi logo sugerindo que um iria fazer as pedras, outro o rio, as nuvens, o Sol. Interessante notar que cada um ficou com um elemento, porém o rio foi pintado por duas crianças, que planejavam o curso do rio a fim de que suas águas se encontrassem (fig.22).



Figura 22: pintura coletiva.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensar a proposta deste trabalho, revirei o passado e busquei nas experiências sensíveis que obtive durante minha formação no curso de Artes Visuais e além, no universo de minhas vivências e aprendizados na escola da vida, a essência do meu elemento, da minha natureza; e assim, senti a Água.

Assim como na vida (meu universo macrocômico), como neste projeto (microcômico), nadei por diferentes águas: calmas, suaves, agitadas, escuras. Descobri a água agitada que chega a fim de oxigenar e assim, clarear a água parada. Fui água mãe, acolhendo a dor que fere e entristece a alma. Porém, assumindo o aspecto sereno e suave das águas claras e pueris, conquistei a face da inocência.

Em um pulsar, vivi a polaridade contida no ritmo, compreendendo as águas profundas e escuras, que chegam despertando para que se veja a luz em meio à escuridão. Descobri quão grande é a persistência da água, e resgatei a essência do dito: água mole em pedra dura, tanto bate até que fura, em outras palavras, água doce, água pura, tanto nasce até que cura.

Nesse caminhar, a cada aspecto dessas diversas águas que eu compreendia, uma nova percepção brotava dessa busca que eu almejava. A água passou a nutrir, intensamente, meu viver. E assim, transferi toda essa percepção para a minha experiência de aprender a aprender na prática de ensino.

Junto às crianças descobri o potencial de uma prática pedagógica que visualiza a conscientização através das experiências sensíveis que a Arte pode proporcionar. Sendo a Arte, por essência, uma área de estudo do subjetivo, possibilita resgatar a ligação entre homem e natureza de forma intuitiva e natural.

Essa experiência proporcionou um saber profundo sobre a poética da água, e as diversas formas que esta pode se apresentar. Aliás, compreendo que as diversas experiências, desaguaram para o grande rio que reflete as águas de meu ser em meio à descoberta de meus anseios íntimos.

Vivenciar as águas do meu processo criativo que se revela em meu ser artista, e ainda, as águas que refletem o meu ser educadora, se torna um marco, que sinaliza um fim e um começo. Resgato a poética das águas, ao viver um constante renascimento. Expando para a prática como educadora, buscando abrir-se para o que se apresenta de novo e acolhendo com longas asas de luz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

CAMPBELL, Joseph & MOYERS, Bill. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAVALCANTI, Raissa. *Mitos da Água*. São Paulo: Cultrix, 2007.

DEWEY, John. *Como pensamos como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição*. 4ª ed. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. *Democracia e educação*. Tradução: Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1979.

_____. *Vida e Educação*. Tradução: Anísio Teixeira. 3ª ed. São Paulo: Nacional. 1959.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 19ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa*. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JUNG, Carl G. et al. *O Homem e seus símbolos*. Tradução de Maria Lúcia Pinho. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

KRISHNAMURTI, Jiddu. *Autoconhecimento*. Coleção Poder do Poder, O poder do autoconhecimento. 1998.

_____. *A educação e o significado da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.

MORAES, Maria Cândida; VALENTE, José Armando. *Como pesquisar em educação a partir da complexidade e da transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2008.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

MORIN, Edgar. et al. *Educar na era planetária: o pensamento complexo como método da aprendizagem pelo erro e incerteza humana*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2003.

ALVES, Rubem. *A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.

WILBER, Ken (Org.). *O Paradigma holográfico e outros paradoxos – uma investigação nas fronteiras da ciência*. São Paulo: Cultrix, 1982.

WILKES, John. *Flowforms: o poder rítmico da água*. São Paulo: Senac, 2010.

CATALÃO, Vera Lessa et al. ATITUDE TRANSDISCIPLINAR E A POÉTICA DO CONHECER. Rev. eletrônica Mestr. Educ. Ambient. ISSN 1517-1256, v. 24, janeiro a julho de 2010.

Páginas da web consultadas:

<http://www.educacionprohibida.com/>

<http://www.avozdasavos.org/>

<http://www.psiqweb.med.br/site/>

<http://www.masaru-emoto.net/>

<http://www.slideshare.net/wanessad/gua-matriz-ecopedaggica>

Link para vídeo Água e Poesia: <http://youtu.be/JeGDSorTxuU>

Link para vídeo Fios de Prata: <http://youtu.be/yuprZj3WVXE>